

Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisas em Psicanálise
Curso de Psicanálise

Torna-se mulher
O caminho para a feminilidade: De Freud a Lacan

Lygia Bonilha Dal Fabbro
Orientadora: Eliane Costa Dias

São Paulo
2014

Resumo

Esse trabalho expõe as principais ideias de Freud e Lacan sobre a mulher e a feminilidade. Para melhor localizar a construção teórica sobre a sexualidade feminina passo em revista seus textos mais importantes realizando um percurso histórico/evolutivo da obra desses dois autores.

Após a introdução revisito os textos freudianos mais importantes sobre a sexualidade feminina, iniciando com os *Três Ensaios Sobre Uma Teoria Sexual* de 1905 e concluindo com um dos seus textos mais tardios *Feminilidade* 1932. A seguir percorro os passos de Lacan através dos Seminários 4, 5, 10 e 20 que datam de 1956 até 1973. Incluo juntamente com os Seminários seus textos: *A Significação do Falo* e *Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina*, ambos de 1958.

Palavras-chaves: feminilidade, inveja do pênis, complexo de castração, complexo de Édipo, falo, desejo, gozo feminino.

Sumário

I. Introdução.....	04
II. Freud: O que quer uma mulher.....	05
III. Lacan: O feminino como posição em relação ao desejo e ao gozo.....	17
IV. Considerações Finais.....	29
V. Notas.....	31
VI. Referências Bibliográficas.....	34

Introdução

Os textos de Freud serão sempre uma fonte inesgotável de conhecimento, já que suas construções teóricas sobre a feminilidade foram revolucionárias mudando para sempre os paradigmas científicos de sua época. Freud sabia que seu arcabouço teórico sobre o enigma do feminino não dizia tudo sobre a mulher e deixou para as gerações futuras de psicanalistas a tarefa de um avanço sobre o tema.

Aos poucos, conforme a minha prática clínica foi avançando, fui me dando conta desses limites para pensar a mulher e seus conflitos. Percebia que as ferramentas que dispunha até então não eram suficientes para levar minhas pacientes além da demanda de amor e das buscas fálicas. O mundo mudava rapidamente e com ele as queixas, conflitos e novas formas de expressão do sofrimento psíquico. Foi nesse momento de impasse, rico em dúvidas, que tive acesso aos textos de colegas psicanalistas de orientação lacaniana. Abriu-se um novo horizonte para mim.

Portanto, pensar a mulher e a feminilidade além de Freud foi o que me motivou a procurar os ensinamentos de Lacan bem como iniciar uma jornada para dentro de um outro campo do saber psicanalítico. As referências constantes que Lacan faz dos textos clássicos de Freud obrigam a um recuo necessário à fonte primordial do pensamento freudiano para em seguida nos guiar para um mundo novo de conceitos.

Com esse trabalho pretendo expor as principais ideias do pensamento freudiano sobre a feminilidade passando em revista os seus textos mais importantes. A seguir apontarei os avanços na releitura que Lacan fez da obra freudiana abrindo com isso uma nova perspectiva na compreensão do universo psíquico das mulheres e na relação de todos os seres falantes com o enigma do feminino.

Freud: o que quer uma mulher?

No início do século XX, as descobertas de Freud sobre a feminilidade, que vão desde a compreensão dos conflitos psíquicos típicos da menina e sua evolução que a

transforma em mulher são importantíssimas e inovadoras. A psicanálise se distinguia da visão de outros campos teóricos sobre a mulher, era original e Freud sabia disso. Em 1932 em *Novas Contribuições à Psicanálise*, um de seus artigos mais tardios sobre essa questão afirma: “A peculiaridade da psicanálise corresponde então não tratar de descrever o que é a mulher – coisa que seria para a nossa ciência um trabalho quase impraticável - mas investigar como da disposição bissexual infantil surge a mulher”¹.

Para o inventor da psicanálise esse tema nunca deixou de ser instigante, totalmente esclarecedor, conclusivo ou mesmo definitivo. Para essa mente brilhante a mulher era um enigma a ser desvendado. Nesse mesmo artigo de 1932, Freud diz: “Sobre o problema da feminilidade meditaram os homens em todos os tempos” e cita Heine poeta romântico alemão em O Mar do Norte: “Cabeças toucadas com tiaras ornadas de hieróglifos, cabeças com turbantes e cabeças com gorros negros, cabeças com perucas, e mil outras pobres, suarentas cabeças masculinas”. E escreve: “Vocês, que também me ouvem não os terei livrado de tais preocupações. Os homens, pois as mulheres são vocês mesmas tal enigma”².

Suas reflexões, pensamentos e idéias apontam desde os primeiros textos para esse caráter desconhecido e enigmático da mulher que se mantém ao longo de sua obra. Em 1905 em seus *Três Ensaio Sobre uma Teoria Sexual* escreveu que: “dado que o novo fim sexual determina funções diferentes para cada um dos sexos, as evoluções sexuais respectivas divergirão consideravelmente. A do homem é a mais conseqüente e a mais acessível ao nosso conhecimento”³. Em um dos seus artigos muito conhecido chamado *Psicanálise e Medicina (Análise Profana)* de 1926 comenta: “Da vida sexual da menina sabemos menos que a do menino. Não temos, porém, por que envergonhar-nos desta diferença, pois também a vida sexual da mulher adulta continua sendo um *dark continent...*”⁴.

Portanto, desde o início de sua obra, Freud, a despeito das dificuldades diante da compreensão desse “continente escuro”, construiu um arcabouço teórico sólido e conceitos psicanalíticos fundamentais que formaram a base de suas concepções sobre a feminilidade. Em nenhum momento de sua obra Freud conclui definitivamente o tema sobre a mulher. Afirma na Conferência XXXIII - *A feminilidade*, de 1932: “Se quiserem saber mais sobre a

feminilidade podem consultar a própria experiência da vida ou perguntar aos poetas, ou esperar que a ciência possa fornecer informações mais profundas e mais coerentes”⁵.

No texto os *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) já vemos as bases essenciais das ideias freudianas sobre a menina e a feminilidade. O monismo sexual da criança, o complexo de castração para ambos os sexos, e a inveja do pênis nas meninas são conceitos desse período da obra de Freud. Esses conceitos serão mantidos, porém revisados nas futuras edições desse texto e em 1923 num adendo à teoria sexual feito no texto *A Organização Genital Infantil*, Freud esclarece: “Os leitores dos meus *Três Ensaio sobre uma Teoria Sexual* não ignoram que nenhuma das edições posteriores de tal obra constitui uma recusa total da primeira, tendo-me limitado a integrar nelas, por meio de adições e modificações, os progressos do nosso conhecimento, mas sem alterar a ordem primitiva”⁶.

Até então Freud não é muito preciso sobre a articulação do complexo de castração com o complexo de Édipo. Articulação essa que ficará mais clara e precisa somente em 1924 em a *Dissolução do Complexo de Édipo*.

Percorro, então, o caminho inicial de Freud de 1905 com seu célebre texto: *Os Três Ensaio de uma Teoria Sexual* até 1923 com *A Organização Genital Infantil*.

Quanto ao monismo sexual, Freud pondera que a criança de ambos os sexos acredita que todas as pessoas conhecidas possuem um órgão sexual exatamente igual ao seu e nada suspeita da falta desse órgão. A suposição de que todos os seres humanos possuem um único órgão sexual, o pênis, é a primeira das teorias sexuais infantis. Essa teoria construída pela criança só será refutada depois de longos embates com consequências diferentes para meninos e meninas. A menina, quando diante do órgão sexual do menino e da evidência dessa diferença, é tomada pela inveja do pênis: “A menina não crê em semelhante teoria ao ver os órgãos genitais do menino diferentes dos seus. O que faz é sucumbir à inveja do pênis que culmina no desejo, muito importante pelas consequências, de ser também um menino”⁷.

Com relação às atividades auto-eróticas e masturbatórias diz que esta manifestação da sexualidade nas meninas tem um caráter masculino e que a libido é regularmente de natureza masculina, tanto nos homens como nas mulheres. Com essa idéia Freud aponta a uma falta de diferenciação entre os sexos na vida sexual infantil que só se dará depois da

puberdade. A atividade auto-erótica das zonas erógenas é igual em ambos os sexos (oral, anal e genital) até a puberdade como mencionado acima. Na menina a zona erógena diretiva é o clitóris, localização anatômica homóloga a zona erógena diretiva masculina (pênis). Para Freud a libido é regularmente de natureza masculina, porque a pulsão é sempre ativa. Nesse ponto de sua obra Freud considera os conceitos de feminilidade e masculinidade como passividade e atividade respectivamente e, apesar de afirmar que não existe a pura masculinidade nem a pura feminilidade, atribui a atividade masturbatória do clitóris nas meninas um caráter masculino por sua atividade. Freud é claro nesse artigo quando enfatiza que para compreender a evolução da menina em mulher é preciso entender o percurso da excitabilidade clitoridiana: “Se se quiser compreender a evolução que converte a menina em mulher, tem-se de seguir o caminho percorrido por esta excitabilidade do clitóris”⁸. A diferença entre os sexos só acontecerá depois da puberdade onde uma onda de repressão recairá sobre a excitabilidade clitoridiana e parte dela será transferida para os órgãos sexuais vizinhos. Freud compara essa transferência fazendo uma alusão a uma estilha de pinho que é utilizada para atear fogo à lenha, que é mais difícil de pegar. Assim, na menina há uma transferência de zona erógena que não se verifica no menino. Essa é necessária para que a menina se transforme em mulher como vimos anteriormente. Essa passagem exige que a menina precisa por de lado a virilidade infantil, o que não será feito sem protestos. A persistência da excitabilidade clitoridiana diminuiria a função sexual das mulheres, tornando-as desinteressadas pelo coito. Por outro lado, se a repressão da excitabilidade clitoridiana for excessiva produzindo sintomas histéricos conversivos a vagina não poderá receber parte dessa excitabilidade ficando anestesiada. Freud afirma: “É nessa transferência que jazem as principais condições para a aquisição da neurose nas mulheres, principalmente da histeria. Estas condições estão ligadas, portanto, intimamente com a essência da feminilidade”⁹.

Em 1908, Freud fará um suplemento ao texto de 1905 sobre as teorias sexuais infantis. No artigo da *Organização Genital Infantil* (1923), no capítulo II intitulado: *Teorias Sexuais Infantis* faz um alerta aos leitores que nesse presente trabalho refere-se quase que exclusivamente ao desenvolvimento sexual nos indivíduos masculinos. Refere-se à sexualidade sob o ponto de vista dos meninos, portanto, mas não deixa de sublinhar o

vivo interesse das meninas pelo pênis, sua inveja e sensação de ter sido lesada em relação aos meninos.

Neste texto, Freud mantém a afirmação de que a teoria sexual infantil típica, encontrada em todas as crianças, atribui a toda pessoa, inclusive as do sexo feminino, o órgão genital masculino. Essa teoria já foi vista em 1905 quando Freud se refere ao monismo sexual. Entretanto, agora, vai dar um passo a mais e afirmar que o alto valor que a criança concede ao pênis irá refletir na impossibilidade de representar uma pessoa sem um elemento tão essencial. Assim, a constatação da falta de um pênis nas meninas não é entendida como simplesmente uma diferença anatômica entre os sexos. O menino diante da anatomia feminina não comprova a falta do membro viril nessa, mas constrói toda uma teoria de cunho consolador fantasiando que o membro viril na menina ainda pequenino crescerá com o tempo. Quanto à menina, ao notar a falta do pênis em seu corpo, não elaborará nenhuma teoria de consolo. Pelo contrário, constatará a falta e será tomada pela inveja do pênis. Se sentirá inferiorizada e diminuída diante dessa observação e manifestará o desejo de vir a tê-lo. A inveja do pênis será um conceito decisivo e constante para a construção da compreensão da mulher freudiana, principalmente quando for articulado com o complexo de Édipo e a fase pré edípica. É importante destacar que nesse ponto do desenvolvimento psicosssexual, a criança não tem condições de apreender que as meninas possuem um órgão sexual que lhes é próprio.

Segundo Freud, existe uma segunda teoria sexual infantil que aponta para o não conhecimento da vagina em ambos os sexos e confirma o monismo sexual. Essa teoria é a teoria da cloaca. As crianças de ambos os sexos acreditam que os bebês ao nascerem são expelidos pelo conduto intestinal.

Aqui vale à pena mencionar que Freud nos conta, ainda nesse artigo, sobre a existência de uma fantasia sexual essencialmente feminina que consiste em acreditar que uma criança possa ser gerada por um beijo. Teoria que aponta para o predomínio da zona bucal. Desconhecimento da vagina, portanto.

Até 1922, Freud afirma que com regularidade a escolha de objeto nos anos infantis assemelha-se a fase evolutiva da puberdade. Escolha que orienta todas as pulsões sexuais para uma mesma pessoa. A diferença estava somente em que a síntese das pulsões parciais

e sua subordinação à primazia dos órgãos genitais aconteceriam somente após a puberdade. Nos anos infantis essa síntese não existiria. A subordinação da pulsão a favor da reprodução seria, portanto, a última fase da organização sexual.

Podemos dizer que o texto *Organização Genital Infantil*, de 1923, representa um marco no pensamento freudiano. Nesse artigo, Freud fará uma retificação importante na evolução de sua teoria da sexualidade, ao conceituar a fase fálica. Na fase fálica o pênis ocupa um alto grau de interesse para a criança - sua sensibilidade, fácil excitabilidade e capacidade de variar de estrutura constituem não uma primazia genital, mas a primazia do falo. A noção de fase fálica colocará o pênis numa relação direta com o falo, marcando aí uma sutileza. Não é mais a universalidade do pênis que é afirmada, mas o falo. O pênis é a representação do falo no corpo. No adulto a primazia do genital, na infância a primazia do falo. Essa idéia de um primado do falo já é prefigurada em textos anteriores a 1923 quando Freud diz que a libido é de natureza masculina tanto em homens como em mulheres e quando afirma que a zona diretiva da menina é o clitóris que é homólogo ao genital masculino. Ideias apontadas no início desse trabalho. A introdução da fase fálica completa e afirma a descoberta freudiana de uma verdadeira organização da sexualidade desde a infância muito próxima a da adulta. A noção da fase fálica é tardia em Freud e corresponderá ao momento culminante do complexo de Édipo com sua variante para meninos e meninas.

O menino, diante da falta do membro viril nas meninas, membro esse tão valorizado por ele, construirá uma teoria para explicar a tal falta e irá reagir de duas maneiras: nega essa falta e acredita ver o membro (crescerá em pouco tempo) e lentamente conclui, com forte consequência emocional, que a menina um dia o possuiu, mas foi privada dele e a ausência do pênis é interpretada como uma castração. Porém, a castração só aconteceria para as mulheres indignas como uma punição a um mau comportamento. As mulheres virtuosas, como a mãe, ainda o mantinham. Isso é, seriam dotadas de pênis. Essa interpretação geraria no menino o medo de ser ele também privado desse órgão, caindo vítima do complexo de castração. Nesse artigo Freud faz uma ressalva: “Infelizmente, não podemos referir-nos, na exposição desse tema, mais que à criança do sexo masculino, pois nos faltam dados sobre o desenvolvimento dos fenômenos correlatos nas meninas”¹⁰.

Apesar dessa observação, já marca uma diferença importante e significativa nos efeitos psíquicos que a percepção da falta do pênis e a teoria da castração terão sobre meninos e meninas. Nos meninos despertará uma angústia de castração, nas meninas será o detonador de uma inveja que produzirá o desejo de vir a possuir um dia algo com tamanho valor narcísico. Embora enfatize a questão da inveja, como desejo de também ter o falo, Freud já aponta o profundo efeito com que essa experiência de ferida narcísica marca a construção da feminilidade. Uma experiência de vazio, desamparo e solidão.

Nessa fase do desenvolvimento o que se vê é que a economia e a dinâmica psíquica são norteadas pela antítese genital masculino (fálico) e castrado. Existe um masculino, mas não um feminino, portanto, diferente da fase anal onde o par de opostos é atividade e passividade. A polaridade masculino e feminino só será estabelecida na puberdade “com o masculino abrangendo o sujeito, a atividade, e a posse do pênis e o feminino integrando o objeto e a passividade. A vagina, já conhecida, será albergue do pênis”¹¹. Somente em 1932, na conferência sobre a *Feminilidade* Freud fará uma alteração e dirá que a mulher adulta normal, devido a seu papel na função sexual, terá certa preferência pela atitude passiva e pelos fins passivos. Tendência essa que não equivale à passividade já que exige da mulher uma intensa atividade para atingir tal fim.

No ano seguinte, em 1924, num texto intitulado *O Fim do Complexo de Édipo*, Freud escreverá sobre o diferente curso que meninos e meninas tomarão em seu desenvolvimento sexual articulando claramente os efeitos da angústia de castração e a inveja do pênis com o complexo de Édipo.

Mais uma vez, Freud adverte seus leitores ao expor suas ideias sobre o desenvolvimento sexual das meninas: “O nosso material mostra-se aqui incompreensivelmente obscuro e insuficiente...”¹². No mesmo artigo, mais adiante, outra ressalva: “Mas, em geral, devemos confessar que nosso conhecimento destes processos evolutivos das meninas é muito insatisfatório e incompleto”¹³. Até esse período a fase pré edípica na menina era subestimada e pouco compreendida por Freud. Só mais tarde em 1931 em seu texto *Sobre a Feminilidade* debruçando-se sobre esse período na vida da menina constatará a importância desse vínculo primitivo para compreender os caminhos

que levariam a menina para a feminilidade. Contudo, Freud avança na tentativa da construção teórica sobre a feminilidade.

Na fase fálica que é a mesma do complexo de Édipo, o órgão genital é tão somente o masculino ou, mais exatamente o pênis/ falo; o órgão genital feminino permanece ainda desconhecido. O complexo de Édipo vai cada vez mais revelando sua importância sendo o fenômeno central do primeiro período sexual infantil. Depois irá desaparecer, dissolvendo-se ou sucumbindo ao recalçamento. O menino, nessa fase, já concentrou todo seu interesse em seus genitais, revelando esse fato com práticas masturbatórias. Não tardará a notar que os adultos não apóiam essa prática e muitas vezes de maneira mais ou menos brutal o ameaçam de privação dessa parte tão estimada de seu corpo. A ameaça de castração quase sempre vem de um das mulheres de seu convívio. Nesse período a vida sexual do menino não se reduz somente à prática da masturbação. O menino dirige à sua mãe de forma ativa e ao seu pai de forma passiva desejos libidinosos determinados pelo complexo de Édipo. A masturbação não seria mais que a descarga genital da excitação sexual correspondente ao complexo de Édipo. Ao ver a falta de pênis nas meninas a idéia da possibilidade da castração se instala. Surge então o conflito entre manter seus desejos libidinosos dirigidos aos pais ou manter o órgão tão estimado. Satisfação amorosa ou preservação do pênis por interesse narcísico. Nesse conflito vence normalmente esse último. O ego do menino afasta-se do complexo de Édipo. Nesse processo de dissolução do Édipo, o complexo sucumbe à ameaça de castração. Como isso a autoridade dos pais é introjetada formando o núcleo do superego e o menino encontra uma identificação com o genitor do mesmo sexo que lhe permite atribuir um sentido ao “ser homem”. “O processo descrito refere-se, como expressamente dissemos, à criança do sexo masculino. Que trajetória seguirá o desenvolvimento correspondente na menina?”¹⁴. Interroga-se Freud.

O clitóris da menina comporta-se a princípio, exatamente com um pênis, mas quando esta o compara com o do menino o acha pequeno e sente esse fato com uma desvantagem e motivo de inferioridade. Durante um tempo irá se consolar pensando que seu clitóris irá crescer junto com ela. Nesse ponto, segundo Freud, inicia-se o complexo de masculinidade da mulher. Acredita que possuía um pênis como o menino, mas que depois o perdeu por castração. Inteiramente de acordo com a fase fálica a menina acredita que as

outras mulheres, as maiores, possuem um órgão genital masculino. Não entende a falta de pênis em seu corpo como um caráter sexual.

A diferença entre o menino e a menina é que esta aceita a castração como fato consumado ao passo que o menino a teme como possibilidade de realização. Não havendo o temor da castração desaparece o motivo da formação do superego e a interrupção da organização sexual infantil. Essas formações, segundo Freud, parecem ser mais fruto da educação e da ameaça de perda de amor dos pais. A angústia de castração para os meninos e o medo da perda do amor para as meninas. É interessante apontar que o medo do abandono pode ser uma constante queixa na vida amorosa de muitas mulheres adultas.

A perda do pênis não é suportada sem a tentativa de uma compensação. Seu complexo culmina no desejo de ter um filho do pai. Desejo que não poderá ser realizado e que na vida adulta, a menina deslocará para um outro homem. Esse dois desejos, o de possuir um pênis e de ter um filho, irão perdurar no inconsciente da menina preparando-a para seu futuro papel sexual.

Ainda nesse artigo Freud menciona: “A diferença morfológica há de manifestar-se em variantes do desenvolvimento psíquico. A anatomia é o destino, poderíamos dizer, glosando uma frase de Napoleão”¹⁵. Com essa frase Freud anuncia seu outro artigo, também importante na construção das ideias sobre o percurso que a menina terá que fazer para se transformar em mulher.

No texto *Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos* de 1925, o pai da psicanálise vai afirmar que a diferença do desenvolvimento sexual entre homens e mulheres é uma consequência da distinção anatômica entre seus órgãos genitais. A situação psíquica entre uma castração executada e uma ameaçada é de um contraste fundamental e as vicissitudes do complexo de Édipo são marcadamente diferentes para meninos e meninas. Para Freud o complexo de castração no menino destruiria o complexo de Édipo por interesse puramente narcísico. Na menina, a inveja do pênis a incentiva em direção à feminilidade na medida em que a introduz no complexo de Édipo.

Vale ressaltar que nesse texto diferentemente do anterior, Freud constatará, que no caso das meninas, o complexo de Édipo tem uma “longa pré-história” e que constitui uma formação secundária. A mãe é o primeiro objeto de amor das meninas bem como dos

meninos. Porém, no caso dos meninos eles manterão esse objeto de amor, e as meninas terão que trocá-lo tomando o pai como objeto de amor. Freud se interroga como ocorreria esse abandono e qual seria a sua fonte motivadora.

Na fase fálica ao constatar a falta do pênis em seu corpo a menina é tomada pela inveja do pênis: “Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo”¹⁶. A inveja do pênis trará consequências psíquicas importantes, já que é sentida como uma ferida narcísica:

1. Sentimento de inferioridade. A mulher pode compartilhar com os homens o desprezo por um sexo que é inferior por não possuir tão importante aspecto.
2. Por deslocamento o ciúme, que para Freud desempenha um papel muito mais importante na vida mental das mulheres por reforço da inveja do pênis.
3. O afrouxamento da relação afetuosa com a mãe, até então seu objeto de amor. A menina responsabiliza a mãe por sua falta de pênis.
4. O mais importante efeito da inveja do pênis ou da descoberta da inferioridade do clitóris é o abandono da masturbação clitoridiana; pré-condição necessária para o desenvolvimento da feminilidade.
5. A libido da menina deslizaria do desejo de possuir um pênis para o desejo de ter um filho. Toma, nesse ponto, o pai como objeto de amor e a mãe se torna objeto de seu ciúme.

Para Freud o sentimento de humilhação ligado à inveja do pênis forçará a menina a abandonar sua masculinidade incentivando assim sua feminilidade.

Como já foi dito o complexo de Édipo nas meninas é uma formação secundária e o complexo de castração o precede e o prepara. A castração já teve seu efeito, forçar a menina em direção ao Édipo. A menina entra no Édipo sob efeito do complexo de castração. No entanto, nas meninas fica faltando, diferentemente dos meninos, o motivo para a demolição e abandono do complexo de Édipo. Esses efeitos, para Freud, podem persistir com ênfase na vida mental das mulheres.

Em 1931 e 1932, Freud escreve respectivamente: *Sobre a Feminilidade e Feminilidade*. Serão seus últimos textos específicos sobre o desenvolvimento sexual da menina. O acento recairá sobre a relação pré-edípica da menina, apesar do exame inaugural

ter sido em 1925. É tal a importância que Freud dará a esse período da vida sexual da menina que afirmará que ela deixará rastros no inconsciente, além de ser fundamental para se compreender o enigma da feminilidade: “Advertimos assim que a fase de exclusiva vinculação materna, que cabe qualificar de pré-edípica, é muito mais importante na mulher do que poderia ser no homem”¹⁷.

Os novos achados, que despertaram a atenção de Freud foram a forte dependência do pai que a menina herda como consequência de uma forte, exclusiva e apaixonada vinculação a mãe. E que essa fase persiste muito mais tempo do que ele imaginava.

Nessa etapa do pensamento freudiano, o caminho que a menina terá que percorrer até se transformar em mulher será muito mais complexo. Ao mesmo tempo em que necessita abandonar a primeira fase de sua sexualidade, a masculina, transferindo em boa parte a excitabilidade clitoridiana para a vagina, permutando assim de zona erógena, também será necessário a troca de objeto de amor. “É preciso que o homem-pai seja convertido em novo objeto de amor. A medida que troca de sexo, a mulher deve trocar também o sexo do objeto”¹⁸. Essa transferência é o essencial para o caminho que leva a feminilidade.

Freud explica que esse primeiro vínculo é tão intenso em meninas e meninos porque a mãe em sua tarefa de cuidar de seu bebê, amamentando-o e limpando-o, promove a erogenização do corpo da criança. As primeiras vivências sexuais são, portanto de caráter passivo, sendo a mãe o elemento ativo.

A atividade sexual da criança em relação a sua mãe se manifesta por impulsos orais, sádico-anais e finalmente fálcos. Vemos aí a relação existente entre passividade por um lado e atividade por outro. Na fase fálica surgem poderosos desejos ativos dirigidos à mãe que culminam, na menina, em forte atividade masturbatória clitoridiana e nos meninos a masturbação do pênis. Quanto aos impulsos passivos da fase fálica a mãe é sempre vista como a sedutora. A menina a recrimina por ter despertado suas sensações genitais e iniciar sua atividade sexual (despertar seu desejo) e também ser a responsável por reprimi-la e proibi-la posteriormente. Essa repressão desencadeia uma forte contrariedade na menina e quando ela, a menina, verifica que não tem o pênis/falo e que não o terá acusa sua mãe por tê-la feita desprovida de um órgão tão importante e valorizado. Esse ódio é o que vai

separá-la da mãe e levá-la em direção ao pai. A menina não lhe perdoa tal desvantagem. Essa hostilidade poderá ter duas variantes, perdurar durante toda a vida ou ser cuidadosamente superada. Dependerá do que acontecer nos anos futuros.

Descobrir sua “inferioridade” orgânica, sentindo-se humilhada, ressentida com sua mãe e acusando-a a menina é tomada pelo complexo de castração. A constatação de sua castração é o ponto crucial na evolução sexual da menina. Segundo Freud, delas partem três caminhos possíveis para a feminilidade:

- 1º. Inibição geral da sexualidade.
- 2º. Complexo de masculinidade, onde a menina pode ser aferrar a esperança de um dia possuir um pênis, a ponto da fantasia de ser realmente um homem dominar parte de sua existência. O complexo de masculinidade pode desembocar numa escolha de objeto homossexual.
- 3º. A feminilidade normal.

Para se chegar à feminilidade normal, Freud aponta para o seguinte percurso: ofendida em seu amor próprio a menina abandona a satisfação masturbatória por excitação do clitóris (atividade fálica) e repele sua mãe, reprimindo boa parte de seus impulsos sexuais. Esse afastamento se dá de maneira gradual à medida que a menina estende esse infortúnio ao resto das mulheres, incluindo aí sua mãe. Seu objeto de amor era a mãe fálica. O desenlace é feito sob o signo do rancor e do ódio, situação específica da menina. Dessa forma a mulher fica desvalorizada e a virada para o pai é possível. A menina entra, então, no complexo de Édipo. O desejo que a leva a tomar o pai como objeto de amor é originalmente o desejo de receber dele o pênis e quando através da equivalência simbólica transforma o desejo de ter um pênis num desejo de ter um filho a evolução para a perfeita feminilidade se completa: “Devemos reconhecer tal desejo do pênis como exclusivamente feminino”¹⁹.

Freud buscou por toda a sua obra compreender, entender e esclarecer o enigma da feminilidade. Buscou nos conceitos de complexo de Édipo, complexo de castração e na inveja do pênis sustentação teórica para isso. Esses conceitos foram causa de muitas

confusões dentro do campo psicanalítico e também de polêmicas e discordâncias. Autores pós-freudianos como Helène Deutsch, M Klein, Ernest Jones, Karen Horney entre outros apresentam versões muitas vezes diferentes. Entretanto, Lacan, foi dentre os teóricos da psicanálise o que mais se acercou das questões da feminilidade, realizando de fato uma mudança de paradigma na compreensão da evolução sexual da mulher: “ A trajetória analítica deve prosseguir até interrogar suas próprias verdades, ou os conceitos que nela parecem funcionar como verdadeiras. Convém especialmente reexaminar sob esse ponto de vista toda a teoria da castração. A releitura de Freud a que nos convida o ensinamento de Lacan permite afirmar que esta teoria da castração é, em si mesma, um meio-dizer”²⁰.

Lacan: o feminino como posição, em relação ao desejo e ao gozo

Na sua retomada e releitura de Freud, a mudança que realiza da perspectiva de uma determinação genital para uma determinação simbólica redefinindo o falo e o gozo feminino, é uma contribuição inestimável para o progresso da psicanálise e para a prática clínica. São conceitos e ideias inovadoras que livram o discurso freudiano de suas aderências biológicas.

Num primeiro ensino, regido pela afirmação do inconsciente estruturado como linguagem e pela aposta na primazia do Simbólico, Lacan aborda o feminino a partir da relação com o falo, com a castração e com o desejo, situando o feminino como uma posição em relação à castração, à falta-a-ser, que situa o desejo como um desejo insatisfeito. Num segundo ensino, marcado principalmente a partir do seu Seminário 20: *Mais, ainda* (1972-1973), Lacan aborda o feminino e o masculino, como posições diante do gozo. O feminino seria, portanto, uma relação com o gozo não-todo fálico, ou seja, não totalmente submetido à lógica fálica.

Acompanhando o primeiro Lacan.

Para Freud o que não era a relação da criança com o pai ou com o falo era da relação da criança com a mãe. Ele tenta dar conta da feminilidade através dessa relação primordial. Entretanto, Lacan, através dos matemas de diferenciação sexual vai demonstrar como os seres falantes, sejam machos ou fêmeas, se ordenam sexualmente a partir de um significante, o falo e como esse significante circula entre homens e mulheres. Nesse ponto Lacan se diferencia de Freud, pois o significante falo permite que ele pense suas consequências nos três registros: real, simbólico e imaginário.

Em seu primeiro ensino Lacan formula a lógica edípica através da Metáfora Paterna articulando e enodando complexo de castração e complexo de Édipo. Nesse período, Lacan tenta demonstrar como homens e mulheres são distintos em sua relação com o falo, portanto com o amor e com o desejo. Seus textos: *A Significação do Falo* e *Diretrizes para*

um Congresso sobre a Sexualidade Feminina, ambos de 1958, vão sintetizar o fundamental da relação distinta dos sexos com esse significante.

Pois bem, para pensar o que estava em jogo na evolução sexual da menina Freud articulou o complexo de castração, a inveja do pênis e o complexo de Édipo na fase fálica como já vimos. Vou começar a introdução ao pensamento de Lacan através do conceito da inveja do pênis, conceito que ele retoma e discute em seu *Seminário 5: As formações do inconsciente (1957-58)*, especialmente no capítulo XV: A Menina e o Falo. Para Lacan a inveja do pênis descrita por Freud carrega suas ambigüidades: “Detenhamo-nos por um momento, primeiro, para assinalar a ambigüidade com que o termo Penisneid é empregado nos diversos tempos da evolução edipiana da menina...”²¹. Para Lacan a inveja do pênis descrita por Freud apresenta três modalidades distintas:

1 - A inveja do pênis no sentido da fantasia. O desejo acalentado de que o clitóris seja um pênis. Essa fantasia guarda, para Freud, um caráter irredutível, caso se mantenha nesse primeiro plano.

2 - A inveja do pênis intervém no momento em que o desejo é o pênis do pai. Nesse tempo é quando a menina aferra-se à realidade concreta de onde está o pênis e vê onde pode buscá-lo. Esse desejo, contudo, é frustrado pela proibição do incesto e pela impossibilidade fisiológica.

3 – Na seqüência da evolução aparece o desejo de ter um filho do pai. Isto é, possuir um pênis sob a forma simbólica de um filho.

Percebe-se que nesse seminário, em que formula os três tempos lógicos do Édipo estrutural, Lacan aborda a questão da inveja do pênis nas mulheres, buscando descrever como a experiência do falo e com a castração, é apreendida nos três registros.

O fato da menina não receber o pênis do pai vai constituir uma frustração. A frustração é imaginária, mas se refere a um objeto real. A frustração incidiria sobre o segundo momento da Penisneid.

A privação se refere ao fato da menina desejar ter um filho do pai e estar impedida disso. A privação se refere a um objeto simbólico, mas ela é real. É a privação que intervém

num momento específico do Édipo, permitindo a báscula definitiva do imaginário para o simbólico e que leva a menina a buscar o filho/pênis com outro homem.

A castração na menina, que seria seu correspondente estrutural com relação ao menino, se dá no primeiro tempo. A castração amputa simbolicamente algo do imaginário do sujeito. A menina precisa renunciar ao desejo de que seu clitóris se transforme num pênis, ou melhor, precisa perder a ilusão de que seu clitóris se transforme em algo tão importante e valioso como o pênis. Segundo Miller, “Lacan faz da castração o nome da falta fundamental que nenhum objeto pode tamponar” 22.

Lacan não diverge de Freud quanto à importância do complexo de castração e seu efeito, o Penisneid, porém refina a compreensão desse conceito. Aponta que o desejo da menina é vir a ter algo de inestimável valor. Desejo do falo. Assim, Lacan reafirma a distinção freudiana entre falo e o pênis como órgão e o inscreve como valor simbólico.

O pênis é o órgão masculino, mas o falo é um significante que circula entre homens e mulheres. Na sua vertente imaginária, é a forma imaginária do pênis, a representação psíquica inconsciente desse órgão anatômico, significantizado como um "valor máximo", como um "a-mais". É um objeto imaginário e tem uma função imaginária como significante do desejo. Na sua vertente simbólica, o falo é entendido como o significante da falta, o “significante da distância entre a demanda do sujeito e seu desejo”23. No plano simbólico, o falo, ao mesmo tempo em que vela é a própria evidência da castração simbólica, ou seja, dessa "falta-a-ser" que é constitutiva do sujeito.

Em seu primeiro momento, Lacan, formaliza o Édipo freudiano, colocando o falo como o terceiro elemento da dupla mãe/criança. Como menciona em seu Seminário 5, no capítulo XV: A Metáfora Paterna: “É a mãe que vai e que vem. É por eu ser um serzinho já tomado pelo simbólico, por haver apreendido a simbolizar, que podem dizer que ela vai e que ela vem. Em outras palavras, eu a sinto ou não sinto, o mundo varia com sua chegada e pode desaparecer” 24. Com essa frase Lacan retoma o exemplo freudiano do Fort – Da para falar que a experiência de presença/ausência da mãe vai marcando o psiquismo da criança e a falta **da** mãe, num mais além, abre para a criança a experiência da falta **na** mãe: “A pergunta é: Qual é o significado? O que quer essa mulher aí?” 25. Escreveu Lacan. A mãe deseja, vai descobrindo lentamente a criança, e dessa maneira vendo o que o olhar da mãe

visa. Esse olhar visa algo para além dela, criança. Visa o falo. Portanto, é a partir do olhar e do desejo da mãe que o falo é apresentado para a criança e dessa maneira se constituindo.

A criança pode desde muito cedo vislumbrar o que é o x imaginário e tendo compreendido que o desejo da mãe visa o falo, a criança vai fazer-se de falo. Tornando-se o objeto de desejo e satisfação da mãe. Com essa operação psíquica o sujeito ascende ao desejo e seu desejo se constitui como desejo do desejo do Outro: “A relação do filho com o falo se estabelece na medida em que o falo é o objeto do desejo da mãe” 26.

Isso se daria no primeiro tempo do Édipo, onde a criança está submetida à lei da mãe, uma lei regida pelo seu desejo e seu gozo. A criança é nessa etapa assujeito, na medida em que está apassivada pelos caprichos maternos. No centro do desejo da mãe está o falo, e a criança na ânsia de satisfazer sua mãe entra na lógica do ser/não ser o falo: “Nesse nível, a questão que se coloca é ser ou não ser, to be or not to be o falo. No plano imaginário, trata-se para o sujeito, de ser ou não o falo. A fase a ser atravessada coloca o sujeito na situação de escolher”27.

O segundo tempo do Édipo é o estágio nodal e negativo, o momento da desidentificação da criança ao falo. Para que essa fase do engodo termine o pai entra como aquele que priva/castra a mãe de seu objeto de amor a criança/falo. A intervenção do pai que diz “Não”, que proíbe essa ilusão de complementaridade criança/mãe/falo tem efeito de libertar a criança de ser o objeto do desejo da mãe. Nesse momento o objeto de desejo da mãe é um objeto que o Outro tem ou não tem, o pai, por sua interferência e lei. É a lei do pai como nome do pai que substituí a lei da mãe. Aqui o que é decisivo não é a presença real do pai, mas sua palavra. Essa palavra para ser efetiva precisa do endosso da mãe. Sem essa etapa ultrapassada não é possível o terceiro e último tempo. O tempo da saída do Édipo. Tempo em que, pela intervenção do Pai a criança é lançada para a lógica do ter/ou não ter e para a castração simbólica. Tempo fundamental para que: “... de um lado, o menino se transforme num homem e do outro a menina se transforme em mulher” 28. É nesse tempo que o pai não é mais o falo da mãe, mas aquele que o tem e que pode dá-lo ou não a mãe. É o pai potente que possui o que a mãe deseja e pode satisfazê-la (potência no sentido genital da palavra). O pai intervém como aquele que tem o falo e a identificação com ele é possível para o menino. A introjeção dessa identificação é o que se chama de

Ideal do Eu. Para os meninos o direito de tê-lo vem após o momento de não tê-lo (quem tem é o pai). A castração incide nesse ponto e é a possibilidade de ser castrado que é essencial para a assunção do fato do menino poder vir a ter o falo. Passo fundamental a ser dado e para isso o pai precisa intervir eficaz e efetivamente. A metáfora paterna desempenha em tudo isso um papel importante, na medida em que institui algo da ordem do significante, alguma coisa simbólica: a significação fálica. A metáfora é uma operação em que um significante surge no lugar de outro significante. O pai como metáfora é um significante que substitui um outro significante, o significante materno: “Nisso está o pilar, o pilar essencial, o pilar único da intervenção do pai no complexo de Édipo” 29. Isso no caso dos meninos que sob a ameaça da castração abdicam do Outro materno como objeto de seu desejo. A metáfora paterna é efetiva. Já a menina não se assujeita de todo à metáfora paterna, já que o complexo de castração não lhe é ameaçador. A menina não teria receio de perder o que não tem. O complexo de castração não tem a força de afastá-la desse Outro materno por inteiro. O pai não se impõe verdadeiramente como metáfora no destino da menina que, por um lado vai se situar na lei e em outro, fora-da-lei.

O significante do falo é insuficiente para designar uma significação propriamente feminina e para atribuir ao sujeito seu lugar de mulher. A mãe que também não carrega o símbolo fálico fica impossibilitada de significar para menina o que é uma mulher. Na ordem simbólica, não existe um significante que signifique o feminino.

O complexo de Édipo na menina inicia-se aonde termina para o menino. A menina precisa se identificar com a mãe, objeto de seu ódio pela falta fálica para poder se dirigir ao pai e ocupar sua posição feminina. Por um lado complicado por precisar se identificar com objeto de sua hostilidade e por não ter nada que a force a abandonar esse objeto de amor. A menina precisa odiar a mãe para abandoná-la, separar-se dela enquanto objeto de seu amor e separar-se também da posição passiva diante desta e ainda assim conservar uma parte de sua aptidão à passividade para poder se situar como mulher e ir em direção ao pai. Por outro, um facilitador já que a menina sabe onde está o falo, vai em direção àquele que o tem, sabendo muito bem aonde buscá-lo. No pai. A menina poderá tê-lo como dom do pai na medida em que renuncia a ter o falo no sentido de pertencimento. Para isso precisa deslizar do imaginário para o real. Assim, dessa maneira, segundo Freud, a menina entra no Édipo. “Aparentemente simples”, como observa Lacan que acrescenta: “Não digo que não possa

haver muito mais aí, e com isso todas as anomalias que se possam produzir no desenvolvimento da sexualidade feminina, mas existe, doravante, fixação no pai como portador do pênis real” 30. É na medida da falta que a menina se dirige ao pai. Ele será seu objeto de amor já que esse sentimento se dirige ao elemento da falta no objeto e em seguida o pai será objeto também de sua satisfação, o objeto natural de procriação. Para ganhar essa criança/falo será preciso deslocar para um outro homem os anseios anteriormente dirigidos ao pai. Para a mulher o pai é seu objeto de amor e de seu desejo por possuir o falo. Desta maneira a mulher fica numa posição de dependência bastante particular daquele que o tem. A falta do falo e a falta desse significante em seu corpo empurram a mulher para a demanda de amor, ou seja, na demanda de receber do Outro aquilo que ele não tem. Entretanto para se fazer desejada por um homem a mulher se colocará no lugar do falo, será o falo já que não o tem: “É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada ao mesmo tempo que amada. Mas ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada”31. A falta fálica da mulher vê-se convertida no benefício de ser o falo, isto é, aquilo que falta ao Outro.

A mulher se transforma no que não tem. A falta feminina se torna positivada. O falo, o significante da falta, além de representar a diferença sexual também representa a falta constituinte de todo sujeito, efeito da linguagem. Nesse sentido, Lacan remaneja os termos e o pênis em seu valor de significante muda de função.

Lacan, com esse conceito transforma o binário freudiano do ter e não ter e introduz o termo “ser falo”, desconhecido do freudismo. Lacan não contradiz Freud quanto ao falocentrismo do inconsciente, contudo com o falo como significante da falta e a falta a ser gerada por ele, Lacan restabelece uma paridade na falta entre os sujeitos sejam eles homens ou mulheres. Uma mesma posição em relação à “falta a ser”, paradoxalmente decorrente do real da não proporcionalidade entre os sexos no humano, ou seja, a não relação sexual.

A menina sob efeito da metáfora paterna encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada: para a mulher, o resultado é que convergem no mesmo objeto uma experiência de amor, que como tal priva-a idealmente daquilo que ele dá, e um desejo que ali encontra seu significante. Para ser desejada por um homem se fará de falo, objeto causa de desejo. Segundo Nieves S.

Dafunchio (2013), apesar do amor e o desejo na mulher confluírem para o mesmo objeto isso não quer dizer que não haja uma disjunção entre amor e desejo no psiquismo feminino. Essa disjunção existe, mas está encoberta: “ela o deseja na medida em que porta o falo, e o ama na medida em que está castrado”³².

O complexo de castração na assunção da posição sexuada do sujeito é de suma importância como já foi dito. Contudo, a teoria da castração e o primado do falo contariam tudo sobre a sexualidade feminina?

Em seu texto *Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina* (1958) Lacan vai chamar a atenção para o fato que pouco se teria progredido na compreensão da sexualidade feminina desde Freud. Critica a discussão infrutífera da oposição gozo clitoridiano e vaginal em que muitos analistas se perdem além de não trazer nenhum tipo de elucidação: “A natureza do orgasmo vaginal guarda invioladas as suas trevas... As representantes do sexo, não importa que volume produza sua voz entre os psicanalistas, não parecem ter dado o melhor de si para a retirada desse laço”³³.

É nesse texto que Lacan avança em direção a um Outro gozo próprio do feminino onde a pulsão não está, no caso da mulher, toda mediada pelo falo. Para Freud a maternidade como ponto de chegada da evolução sexual da menina tem toda relação com o falo, enquanto Lacan vai dizer que não. Algo na mulher está fora do todo fálico. Diferentemente de Freud, Lacan vai dizer que a maternidade não tem a ver com o falo. Outro ponto de discordância e separação se dá quanto à homossexualidade feminina. Para Freud a homossexualidade feminina é uma consequência do complexo de masculinidade, um dos três caminhos possíveis diante do complexo de castração. Para Lacan, uma manifestação de um gozo não todo fálico: “Não é propriamente o objeto incestuoso que ela escolhe às custas de seu sexo; o que ela não aceita é que esse objeto só assuma seu sexo às custas da castração”³⁴. Para Lacan a sexualidade feminina aparece como um gozo que não obedece à lógica fálica e a homossexualidade feminina denuncia esse gozo. O gozo propriamente feminino é um gozo “envolto em sua própria contigüidade”, não se pode dividir ou separar. Um gozo não todo mediado pela significação fálica ou pela castração: “Na verdade, longe de corresponder a esse desejo a passividade do ato, a sexualidade feminina surge como o esforço de um gozo envolto em sua própria contigüidade (da qual

toda circuncisão talvez indique a ruptura simbólica), para se realizar rivalizando com o desejo que a castração libera no macho, dando-lhe seu significante no falo” 35.

No Seminário 10: *A Angústia* (1962-1963), Lacan começa a despregar a compreensão do feminino visto até então a partir da lógica fálica. No capítulo XIV, intitulado: A Mulher, mais Verdadeira e mais Real, fala que existe um gozo mediado pelo falo que coexiste com um gozo não todo mediado pelo falo: “A falta, o sinal menos com que é marcada a função fálica no homem, e que faz com que sua ligação com o objeto tenha que passar pela negatificação do falo e pelo complexo de castração, o status do (-φ) no centro do desejo do homem, é isso que não constitui para a mulher, um nó necessário” 36. Ou seja, uma dimensão da mulher pode não passar pela castração, diferentemente do homem. Nos termos de Dafunchio (2013) a vivência de seu corpo com a detumescência do órgão fálico, o gozo masculino é marcado por um limite. O homem tem sempre que passar pela experiência de castração. “A passagem da mulher por essa lógica não é necessária. Uma mulher pode passar ou não por essa lógica, porque não há nada em seu corpo que a obrigue a passar por ali, mas o menino não escapa”37.

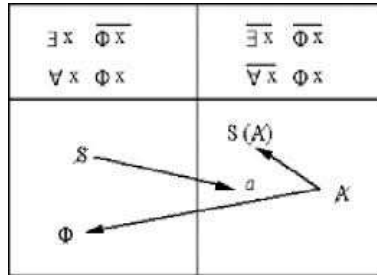
Para Lacan a questão da feminilidade implica tanto pensar a mulher regida por um gozo fálico em sintonia com a lógica do significante, portanto um gozo limitado e localizado, como por um gozo Outro “envolto em sua própria contiguidade”. Um gozo que não cai sobre a barra do significante.

Freud ao procurar a mulher encontrou a mãe. Para ele o único objeto causa de desejo de uma mulher “normal” seria o filho tão esperado, contudo essa seria a lógica pautada unicamente na dialética do ter/não ter, porém a mulher não é toda regida pela lógica fálica, essa lógica não lhe é própria e não satura de todo o circuito da pulsão sexual como nos ensina Lacan: “ Que tudo gira ao redor do gozo fálico, e precisamente o de que dá testemunho a experiência analítica e testemunho de que a mulher se define por uma posição que aponte com o não-todo no que se refere ao gozo fálico” 38.

Com essa nova perspectiva, Lacan situa uma parte da sexualidade feminina num mais além da função fálica. A sexualidade feminina teria como correlata um gozo Outro que não aquele dito sexual.

Acompanhando o segundo Lacan.

Para reformular a posição masculina e feminina Lacan recorre à lógica e às fórmulas matemáticas e reagrupa essas posições num quadro que, em seu seminário 20 (1972-1973) ele chama de “fórmulas quânticas da sexuação”. Com as fórmulas da sexuação, Lacan tenta, a partir da lógica, escrever a posição dos seres falantes em relação à castração.



Para Lacan, só é possível falar de um universal a partir da exceção. Por exemplo, a afirmação de que “todos os cisnes são brancos” só ganha valor na medida em que existe “um cisne que seja não branco”. Em psicanálise, na relação do ser falante com a falta, com a castração, do **lado masculino**, a exceção corresponde ao pai primevo freudiano: existe um que goza de todas as mulheres, que tem acesso ao gozo pleno, sem limite:

$$\exists x \overline{\Phi x}, \forall x \Phi x \quad \text{“Existe um que escapa à função fálica”}$$

Para todos os outros se cumpre a função fálica:

$$\forall x, \Phi x \quad \text{“Todo x cumpre a função fálica”}$$

Do lado masculino, portanto, todos os seres falantes, homens e mulheres se submetem totalmente à lógica fálica.

Do **lado feminino** não há nenhum sujeito que se inscreva fora da castração, portanto não há nenhum ser que faça a exceção à regra como no caso pai da horda, que podia gozar de todas as mulheres e não estava sujeito à lei da castração.

$$\overline{\forall x \Phi x} \quad \overline{\exists x \Phi x}$$

A exceção faz a regra, portanto os sujeitos que se inscrevem do lado masculino estão todos sujeitos à lei da castração. Para as mulheres não existe a exceção, não há nenhuma mulher que funda um sexo não fálico, inscrevendo-se assim fora da castração. Não há do lado feminino do quadro nenhuma figura que possa fundar o conjunto de mulheres. As mulheres são um conjunto aberto e não fechado. Não há um clã de mulheres. As Amazonas, por exemplo, formam um conjunto de mulheres fálicas e estariam, como as histéricas, do lado esquerdo do quadro, o lado masculino.

Não existe um significante que signifique o sexo feminino. Por isso Lacan diz que “A Mulher não existe”. Por não firmarem um conjunto devem ser contadas uma por uma: “Em todo caso, o que é que implica a finitude demonstrável dos espaços abertos capazes de recobrir o espaço circundado, fechado no caso, do gozo sexual? Que os ditos espaços podem ser tomados um a um – e porque se trata do outro lado, ponhamos no feminino – uma a uma” 39.

Se no humano, o sujeito é dividido, a mulher não é dividida da mesma forma que o homem. Ela não é toda assujeitada à ordem simbólica da linguagem. Não existe, portanto, uma identidade propriamente feminina. Ela não faz Um, como os homens que se agrupam. A mulher permanece na infinitude. Não há contradição entre pertencer toda dentro da lei da castração e não toda na função fálica. Essa é a expressão da feminilidade que se revela como um ser dividido diante da castração. A mulher que se encontra dentro dessa posição está dividida entre, um gozo fálico e um Outro gozo, o gozo do corpo. Para Lacan não se trata de identificar nesse Outro gozo a essência do feminino já que para ele A Mulher não existe. Se assim o fosse se restabeleceria novamente os conjuntos fechados: “Se houvesse outro, mas não há outro gozo que não o fálico – salvo aquele sobre o qual a mulher não solta nem uma palavra, talvez porque não o conhece, aquele que a faz não-toda” 40.

Desse Outro gozo, nada se pode dizer, somente supô-lo. Esse Outro gozo só pode ser situado a partir da castração: “Não é porque ela é não toda na função fálica que ela deixa de estar nela de todo. Ela está lá à toda. Mas há algo a mais” 41.

Para a mulher, a divisão do gozo se dá entre dois pólos: do falo que um homem pode representar para ela e o gozo daquilo que falta como significante no Outro, isto é, o próprio sexo feminino. Uma mulher pode não tirar todo o seu gozo de seu parceiro e recebe

a mais uma parte desse gozo de seu próprio sexo porque ela é não toda dele: “Há um gozo dela, desse ela que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente quando isso acontece. Isso não acontece a elas todas” 42.

Lacan ao inaugurar um mais além da sexualidade fálica com um suplemento que o marca, retira a problemática da mulher do impasse freudiano da partição entre dois órgãos (clitóris e vagina) e dos dois pólos pulsionais (atividade e passividade). Para Lacan a divisão se dá entre a linguagem e o corpo entre o simbólico e o real: “Considerações amiudadas sobre o gozo clitoridiano e sobre o gozo que chamam como podem, o outro justamente, esse que estou a ponto de fazer vocês abordarem pela via lógica... O que dá alguma chance ao que avanço, isto é, que, desse gozo, a mulher nada sabe, é que há tempos que lhes suplicamos, que lhes suplicamos de joelhos – eu falava da última vez da psicanalistas mulheres – que tentem nos dizer, pois bem, nem uma palavra” 43.

Ter um filho é um objeto fálico possível para uma mulher, bem como adquirir, possuir quer se trate de dinheiro, sucesso, poder, projeção social, carreira, um homem para “chamar de seu”. Todas essas são buscas e substituições fálicas, não há renúncia ao falo. Dentro do pensamento freudiano a mulher não escapa da mediação, sempre no horizonte, do parceiro e das insígnias fálicas. Contudo, Lacan inovou, quando aponta que todos esses desejos do sujeito são alheios à mulher, não tem nada de propriamente feminino e decorrem da lógica fálica do ter, inclusive quando não se tendo o falo pode passar a sê-lo – não tem, mas é o falo.

Lacan ao aceitar o desafio de pensar a mulher e a feminilidade além de Freud pôde situar o ser feminino num outro lugar. A mulher e seu gozo “envolto em sua própria contigüidade”. Essa idéia de “contigüidade” parece se fundamental, pois remete a ideia que o feminino aponta a um gozo foracluído do simbólico, que não se aloja sob a barra do significante; um gozo ao qual só tem acesso pela via da contingência. Se é que se pode dizer que esse ser existe de fato:

“Como conceber que o Outro possa ser em algum lugar aquilo em relação a quê uma metade – porque também é grosseiramente a proporção biológica – uma metade dos seres falantes se refere? Esse ~~X~~ (Outro barrado) não se pode dizer. Nada se pode dizer da

mulher. A mulher tem relação com $S(A)$, e já é nisso que ela se duplica, que ela não é toda, pois, por outro lado, ela pode ter relação com Φ ”44.

Considerações Finais

Próximo do final de sua vida, em 1937, Freud escreve “*Análise Terminável e Interminável*”. Nesse texto, menciona Ferenczi e diz que esse discípulo considerava como requisito para o êxito de um tratamento psicanalítico que o desejo de um pênis na mulher e a luta contra a passividade nos homens tivesse sido dominada, isto é, que tenham vencido seu medo da castração. Freud discorda de Ferenczi e afirma: “Segundo minha própria experiência, penso que ao pedir isso pedia demasiado” 45. Ele, Freud, considerava que tentar persuadir uma mulher a abandonar seu desejo de possuir um pênis seria “uma pregação no deserto”, bem como tentar convencer um homem que sua atitude passiva nem sempre significaria a castração. Para Freud, esse momento do trabalho psicanalítico era opressivo e os esforços inúteis: “Com freqüência temos a impressão de que com o desejo de um pênis e o protesto masculino penetramos através de todos os estratos psicológicos e chegamos a rocha viva e que, portanto, nossas atividades cheguem a um fim” 46. Portanto, para Freud, o rochedo da castração seria o limite de uma análise e nada mais poderia ser feito além dessa fronteira: “O repúdio da feminilidade pode não ser outra coisa que um fato biológico, uma parte do grande enigma da sexualidade” 47.

É nesse ponto que Lacan revoluciona a psicanálise avançando aonde Freud desistiu. O desafio assumido por ele de ir além do Édipo e além do mestre abriu uma nova fronteira para os psicanalistas e sua prática. Definindo a posição feminina como não toda submetida à lei da castração, a lei do inconsciente, relativiza o desejo de um filho, as buscas fálicas a demanda de amor e a aspiração a ser o falo como as únicas alternativas que uma mulher teria para saturar a inveja do pênis e sua falta-a-ser. Em seu livro *O Que Quer uma Mulher*, Serge André comenta: “A feminilidade é o problema de um ser que não pode se assujeitar inteiramente ao Édipo e à lei a castração. Com esse objetivo, Lacan acentuará menos a questão da identidade feminina do que a do gozo feminino, e menos a castração e a reivindicação dela decorrente do que a divisão que o primado do falo introduz na menina” 48.

Com o conceito de gozo Outro especifica o gozo feminino como uma posição a ser alcançada pelo sujeito humano. Desvia-se, portanto, da lógica do desejo fálico e elabora o

registro do gozo. Com isso, Lacan abre um caminho diferente para se pensar a mulher e sinaliza uma saída para o impasse do Édipo feminino formulado por Freud.

O gozo feminino designa uma dimensão do gozo que retorna, que é experienciada pelo sujeito, mas constitui uma relação com o gozo que não está inteiramente submetida à função fálica e está situada fora da linguagem. Por essa razão lógica, o gozo feminino:

- É uma relação não-toda fálica com o gozo que se revela para ambos os sexos.
- Um gozo opaco, difuso e enigmático.
- Fora do sentido. Por isso, impossível de ser transmissível ou compartilhável.

Na direção de uma análise, o gozo feminino, portanto, é essa relação com o gozo que aponta para o furo no Outro. Por um lado, o horror da não relação sexual, da impossibilidade do Um e da inconsistência do Outro. Por outro, talvez, a possibilidade de uma saída pela criação, pela invenção, pelo saber fazer com a singularidade.

Essa nova conceituação do gozo aponta para algo que somente pela via do feminino se teria acesso. Diante dessa nova perspectiva a condução do tratamento se modifica e o rochedo da castração não seria mais o limite de uma análise. Dessa forma, Lacan provoca notável mudança na psicanálise e na prática clínica, oferecendo novos instrumentos para a condução do tratamento e da escuta psicanalítica.

Notas

1. Freud, S. “Novas Contribuições à Psicanálise” 1932. Cap. XXXIII. A Feminilidade. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958 cit., p.123
2. Id. Ibid. p.120
3. Freud, S. “Três Ensaio de Uma teoria Sexual” 1905. Capitão III. As Metamorfoses da puberdade. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958, cit., p.87
4. Freud, S. “Análise Profana” 1926. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958, V.18. cit., p.175
5. Freud, S. “Novas Contribuições à Psicanálise” 1932. Cap. XXXIII. A Feminilidade. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958, cit., p.144
6. Freud, S. “A Organização Genital Infantil” 1923. Cap.VI. A Organização Genital Infantil. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958, cit., p.173
7. Freud, S. “Três Ensaio de uma Teoria Sexual” 1905. Cap.II. A Investigação Sexual Infantil. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958, cit.,p. 74
8. Freud, S. “Três Ensaio de uma Teoria Sexual” 1905. Cap.III. A Diferenciação dos Sexos. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958, cit., p.101
9. Id., Ibid., p.103
10. Freud, S. “A Organização Sexual Infantil”. 1923.Cap.VI. A Organização Genital Infantil. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958, cit., p.175
11. Id, Ibid., p177
12. Freud, S. “O Fim do Complexo de Édipo”. 1924. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958, cit., p. 28
13. Id., Ibid., cit., p 29
14. Id., Ibid., cit., p.28
15. Id., Ibid., cit., p 28
16. Freud, S. “Algunas Consecuencias Psiquicas de La Diferencia Sexual”. 1925. Obras Completas. Tomo III. Madri. Editora Biblioteca Nueva,1981, cit.,p. 2890
17. Freud, S. “Sobre la Sexualidad Femenina”. 1931. Obras Completas. Tomo III. Madri. Editora Biblioteca Nueva, 1981, cit., p. 3081

18. *Ib.*, *Ibid.*, *cit.*, p. 3079
19. Freud, S. “Feminilidade”. 1932. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Delta,, 1958, *cit.*, p. 137
20. André, S. “O Que Quer uma Mulher” Cap. 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998, p. 205
21. Lacan, J. Seminário 5. Cap. XV. “A Menina e o Falo”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora,1999, *cit.*, p. 288
22. J.A. Miller. *A Lógica da Direção da Cura*. EBP. MG. 1985, p. 60.
23. Lacan, J. Seminário 5. Cap XV. “ A Menina e o Falo”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editora, 1999, *cit.*, p. 296
24. Lacan, J. Seminário 5. Cap.IX. “A Metáfora Paterna”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999, *cit.*, p. 180
25. *Id.*, *Ibid.*, *cit.*, p.181
26. Lacan, J. Seminário 5. Cap. X. “Os Três Tempos do Édipo”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999, *cit.*, p. 190
27. *Id.*, *Ibid.*, *cit.*, p. 192
28. *Id.*, *Ibid.*, *cit.*, p. 192
29. Lacan, J. Seminário 5. Cap. IX. “A Metáfora Paterna”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999, *cit.*, p.180
30. Lacan, J. Seminário 4. Cap.XII. “ Sobre o Complexo de Édipo”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995, *cit.*, p. 207
31. Lacan, J. “A Significação do Falo”. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1998, *cit.*, p. 701
32. Dafunchio, S. N. “Clínica da Sexuação”. IPB. EBP-BA, 2013.
33. Lacan, J. “Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina” (1958). In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 1998, *cit.*, p. 737
34. *Id.*, *Ibid.*, p.744
35. *Id.* *Ibid.*, p. 744

36. Lacan, J. Seminário 10. Cap.XIV. “A Mulher, Mais Verdadeira e Mais Real”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005, cit., p. 202
37. Dafunchio, N. S. “Clinica da Sexuação” . IPB. EBP-BA ,2013, p.23.
38. Lacan, J. Seminário 20. Cap I. “ Do Gozo”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora,1985, cit. p.18
39. Id., Ibid., p. 18
40. Lacan, J. Seminário 20. Cap.V. “Aristóteles e Freud: A Outra Satisfação”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985, cit., p.81
41. Lacan, J. Seminário 20. Cap.VI. “Deus e o Gozo D`A Mulher” Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985, cit., p.100
42. Id. Ibid., p. 100
43. Id., Ibid., p. 101
44. Lacan, J. Seminário 20. CapVII. “ Letra de Uma carta e Amor”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985, cit., p. 109
45. Freud, S. “Análisis Terminable e Interminable”1937. Obras Completas. Tomo III. Madri. Editora Biblioteca Nueva. 1981, cit., p. 3363
46. Id.Ibid., p.3364
47. Id. Ibid., 3364
48. André, S. “O Que Quer Uma Mulher?”. Cap. XII. Gozos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora,1986, p. 209

Referências Bibliográficas

- ANDRÉ, S. *O Que Quer Uma Mulher*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1986.
- DAFUNCHIO, N. S. *Seminários: Clínica da Sexuação*. I.P.B. EBP-BA, 2013.
- MILLER, J. A. *A lógica da direção da cura*. EBP/MG, 1995.
- FREUD, S. *Três Ensaios de Uma Teoria Sexual* [1905]. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958.
- _____. *A Organização Genital Infantil* [1923]. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958.
- _____. *O Fim do Complexo de Édipo* [1924]. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958.
- _____. *Algunas Consecuencias Psíquicas de la Diferencia Sexual* [1925]. Obras Completas. Tomo III. Madri. Editora Biblioteca Nueva, 1981.
- _____. *Análise Profana* [1926]. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958.
- _____. *Sobre la Feminilidade* [1931]. Obras Completas. Tomo III. Madri. Editora Biblioteca Nueva, 1981.
- _____. *Feminilidade* [1932]. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958.
- _____. *Analisis Terminable e Interminable* [1937]. Obras Completas. Tomo III. Madri. Editora Biblioteca Nuevas, 1981.
- LACAN, J. *Seminário 4: A Relação de Objeto* [1956-1957]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995
- _____. *Seminário 5: As Formações do Inconsciente* [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999
- _____. *Seminário 10: A Angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- _____. *Seminário 20: Mais, Ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

_____. *A Significação do Falo* [1958]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

_____. *Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina* [1958]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998